

Capítulo 09 - O toque da quinta e sexta trombetas

O capítulo 9 aborda a quinta e a sexta trombetas que são os dois primeiros “Ais” dos três que são citados no final do capítulo 8. O próprio livro de Apocalipse profetiza uma divisão religiosa, fala sobre uma mulher que se prostituiu com os reis da terra, mulher em profecia significa igreja. Ela teve filhas, gerando uma grande confusão na terra. Filhas são igrejas que saíram da mulher, no caso essa mulher é uma mulher prostituta. O Apocalipse aponta para toda essa confusão religiosa que está acontecendo como uma consequência da apostasia. Precisamos fazer um exame da bíblia, das doutrinas bíblicas, da sã doutrina, para podermos identificar quais são as filhas de Babilônia. Hoje vamos estudar a respeito da quinta trombeta, seguindo a mesma linha de interpretação onde a própria bíblia diz quais são as chaves de interpretação dela mesma, as simbologias, as imagens proféticas, que são esclarecidas pela própria bíblia.

Sabendo que o livro de Apocalipse é um livro de cunho historicista, narrando acontecimentos desde os dias do apóstolo João até os dias de hoje e ainda o reino milenar, em suma, é a luta entre a igreja de Deus contra o Império Romano, a obra do diabo. É ele que está por de traz do Império Romano. A narrativa dessa luta, dos acontecimentos, dos juízos de Deus sobre o Império Romano, dos juízos de Deus sobre essa falsa mulher prostituta, da proteção de Deus sobre sua igreja, a igreja que fugiu para o deserto, a mulher que deu à luz a um filho varão que irá reger as nações da terra.

Essa mulher tem descendentes, os remanescentes, aqueles que guardam os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus, que é o espírito de profecia, que por sua vez é o livro de Apocalipse. Não um livro de um profeta ou profetiza, o próprio Apocalipse é o testemunho de Jesus, o espírito de profecia.

Apocalipse 9:1-12

A quinta trombeta

¹ *E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo.*

² *E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha, e com a fumaça do poço escureceu-se o sol e o ar.*

³ E da fumaça vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra.

⁴ E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm nas suas testas o selo de Deus.

⁵ E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem.

⁶ E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

⁷ E o parecer dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre as suas cabeças havia umas como coroas semelhantes ao ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens.

⁸ E tinham cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como de leões.

⁹ E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate.

¹⁰ E tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses.

¹¹ E tinham sobre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abadom, e em grego Apoliom.

¹² Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois ais.

No capítulo passado falamos das quatro primeiras trombetas que fazem parte dos sete selos. Nós falamos dos selos, quando o anjo abre o sétimo e último selo vem o toque das sete trombetas. Já falamos de quatro, agora vamos para o toque da quinta trombeta. Lembrando que no último versículo do capítulo anterior é dito: “E olhei, e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! ai! ai! dos que habitam sobre a terra! por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar.”. Vimos que as quatro primeiras trombetas já fizeram uma devastação total no Império Romano Ocidental, sendo que Roma já estava em crise desde o século III, a parte Ocidental era a parte mais poderosa de todo o império. O estrago que as trombetas fizeram em Roma foi tão grande que ela caiu e agora temos de pé apenas o Império Bizantino, o Império Oriental.

Vamos entender o que seria o primeiro “Ai”, a quinta trombeta. Essa trombeta já foi tocada, embora praticamente todo o sistema religioso pregue que isso ainda irá acontecer, mas não, isso já aconteceu. Sabemos que o Império Romano acabou no Ocidente, mas ele continuou no Oriente até o século XV, sobre a cidadania romana e a cultura grega. O Império Oriental ou Império Bizantino como também era conhecido, ostentava o orgulho e o poder dos romanos, cuja capital, Constantinopla, era protegida por fortes muralhas.

Constantino I o Grande: começou a erigir a nova Roma no ano 324 e em 330 ela foi consagrada sob o nome de Constantinopla, ou cidade de Constantino, transformando-se na capital do Império Romano do Oriente, conhecido como Império Bizantino.

A capital Constantinopla recebeu esse nome por causa do Imperador Constantino, essa capital era praticamente inexpugnável, tinha toda uma estrutura de defesa contra invasões. O Império Romano Ocidental caiu em 476 da era cristã, uma ferida mortal que no futuro irá ser curada. Todo o compendio do livro de Apocalipse tem um fio de meada, seguindo uma sequência logicamente estudada dentro das profecias com as chaves de interpretação corretas dadas pelo Espírito de Deus.



Muralhas de Constantinopla

Estamos ainda no primeiro milênio da era cristã, até agora vimos o Cordeiro abrindo os sete selos que guardavam a revelação da história. As quatro primeiras trombetas simbolizam a decadência do Império Romano Ocidental, e a quinta e a sexta, a queda do Império Oriental. A quinta e a sexta trombetas significam respectivamente as invasões mulçumanas e turcas otomanas. Vamos ver como aconteceu o toque da quinta trombeta e a invasão mulçumana ao Império Bizantino.

O Islã: quando os homens foram atormentados

"E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo."

"E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha, e com a fumaça do poço escureceu-se o sol e o ar."

Apocalipse 9:1,2

Final do século VI, nasce um homem que mudará a história. Ele fundou uma religião, criou um novo conceito sobre Deus, arregimentou um exército, proclamou uma “guerra santa”. Mesmo depois de morto, milhões de fiéis ainda seguem suas ordens e ai daqueles que não as obedecessem. Essa profecia retrata a invasão dos exércitos muçulmanos ao Império Romano Oriental, conhecido como Império Bizantino, e algumas partes do mundo Ocidental. O objetivo dessas invasões foi disseminar o islamismo como uma alternativa religiosa aos romanos. Maomé, fundador do Islã, foi representado pela “estrela que do céu caiu sobre a terra”. O profeta Maomé foi o fundador da religião chamada Islã. Seus seguidores, os muçulmanos, acreditam que Maomé recebeu mensagens de Alá (Deus), essas mensagens foram posteriormente reunidas no Alcorão, o livro sagrado do islamismo.



Vista da Mesquita do Profeta, em Medina, na Arábia Saudita. Aí se encontra o túmulo de Maomé, fundador do islamismo.
A cúpula verde marca o local do túmulo.

Alcorão ou Corão: é o livro sagrado do Islã. Os muçulmanos creem que o Alcorão é a palavra literal de Deus revelada ao profeta Maomé ao longo de um período de vinte e três anos. A palavra Alcorão deriva do verbo árabe que significa declamar ou recitar. Alcorão é, portanto, uma “recitação” ou algo que deve ser recitado.

- **Estrela e anjo:** representam uma pessoa que tem muita influência, principalmente através do poder da palavra.
- **Toque da trombeta:** significa guerra, isso permite uma definição concreta, uma quinta batalha contra o Império Romano comandada por uma pessoa influente.

O anjo e a estrela dessa trombeta figuram Maomé e sua mensagem, essa estrela que do céu caíra sobre a terra é o fundador do islamismo. Maomé era e é representado por uma chama. É notável a sua influência religiosa sobre a humanidade através da religião que fundou.

“O maior empecilho à continua expansão do cristianismo veio do deserto árabe, onde Maomé nasceu, em Meca, por volta de 570 d.C. Ele pregava o islamismo (que significa a rendição a Deus), um rigoroso monoteísmo que ensinava que Alá é o único deus do universo, o qual deve ser adorado com exclusividade.”

Atlas Ilustrado do Mundo Bíblico pag. 111 – Joseph Rhymer.

Maomé convocou uma “guerra santa” contra o mundo romano com o objetivo de converter os homens a Alá. Sob influência do Islã, os muçulmanos trouxeram o primeiro “Ai” do Apocalipse sobre a Europa, no sentido de que suas conquistas transformaram as nações romanizadas em territórios exclusivamente islâmicos. Estrela é uma pessoa influente, podendo ser um líder, uma pessoa que exerce grande influência. A influência de Maomé foi tremenda, pois, é uma religião que abrange mais de 1,5 bilhão de pessoas no mundo de mais ou menos 8 bilhões de pessoas, uma influência muito grande, muito relevante.

“Os números do islamismo, é a religião que mais cresce no mundo. Até o fim do século, muçulmanos irão superar os cristãos como o maior grupo religioso do planeta, mostra pesquisa.”

Por Gabriela Ruic, Revista Exame. Publicado em: 06/03/2017 às 06h00

“São Paulo — O islamismo é a religião que mais cresce no planeta. Até o final deste século, se o ritmo de crescimento se mantiver, os muçulmanos irão superar os cristãos como o maior grupo religioso. É o que mostra uma pesquisa conduzida pelo Pew Research Center, centro de pesquisas baseado nos Estados Unidos e dedicado ao estudo de diversos temas de impacto regional e global. O estudo é parte de uma análise maior sobre o assunto, publicada em 2015, mas que foi atualizada na última semana. Segundo a pesquisa, o islamismo cresce em um ritmo mais rápido que outras religiões por conta da combinação de dois fatores: taxa de fertilidade, que é a estimativa da quantidade de filhos que uma mulher tem até o fim do seu período fértil, e o fato de esse grupo religioso ser “mais novo” que outros.”

<https://exame.com/mundo/os-numeros-do-islamismo-a-religiao-que-mais-cresce-no-mundo/> - Acessado em 24/07/2021 – 17:21

As imagens proféticas que se desenvolvem dentro do estudo do Apocalipse tem uma coerência dos acontecimentos da história — sempre relacionado com o Império Romano podendo ser Ocidental ou Oriental — e a luta desse império, os juízos de Deus sobre ele por causa dos males que eles causaram aos verdadeiros adoradores, a igreja de Deus, a igreja que trouxe os verdadeiros mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus. É uma luta entre o bem e o mal e o Apocalipse vai colocando os acontecimentos de forma profética ao longo da história. Vamos montando esse quebra cabeça e formando uma imagem. Qual é a imagem? A

história, a luta da igreja verdadeira contra o Império Romano que é assumido pelo diabo. Podemos ver em Apocalipse 13 que foi o próprio diabo que deu poder e autoridade ao Império Romano, a besta.

"E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio."

Apocalipse 13:2

A maior obra prima do diabo, hoje, é o império da besta, conhecido como Vaticano, a cidade das sete colinas e que rege todo o mundo religioso responsável por todos os enganos e falsas doutrinas praticadas, tanto pelo sistema romano quanto pelas igrejas protestantes. E agora, um dos juízos de Deus é o levante dos povos mulçumanos. Vejamos algumas palavras chaves para que possamos entender melhor o capítulo.

➤ **Abismo:** em profecias é aquilo que vem das trevas, do mal, das profundezas:

"Puseste-me no abismo mais profundo, em trevas e nas profundezas."

Salmos 88:6

"E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará."

Apocalipse 11:7

➤ **Fumaça:** em linguagem profética significa clamor, orações:

"E a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus."

Apocalipse 8:4

Vemos que a fumaça de Apocalipse 09 surge do poço do abismo, é o contrário das orações dos santos, é um clamor, uma religião que vem do abismo, que vem do anjo destruidor que é Abadom no hebraico e Apoliom em grego.

Abadom (no hebraico) Apoliom (no grego): é um termo hebraico que tem o significado de “destruição” ou “destruidor”. Seu significado no grego é o mesmo.

Islã e o sincretismo pagão

Maomé, o fundador do islamismo diz ter recebido os ensinamentos com os quais escreveu em seu livro, o Alcorão. Esses ensinamentos teriam, segundo Maomé, sido recebidos de um anjo, o anjo Gabriel. O islamismo surgiu no coração do mundo oriental árabe, da religião árabe. Se fizermos uma análise do islamismo descobriremos que é uma mistura de paganismo (adoração a lua), sincretismo do paganismo com o cristianismo e algumas coisas do judaísmo. A mistura dessas três vertentes (paganismo, cristianismo e judaísmo) formou a religião islâmica.

Eles aceitam alguns profetas hebreus, dizem que Jesus foi apenas um profeta, mas o maior profeta segundo o islã é o próprio Maomé. Eles possuem um único Deus, mas é o deus Alá, que faz referência a lua, não é o Deus Criador, Deus de Isaque e Jacó, não é o verdadeiro Deus. O Islã tem vários rituais mecânicos para você se tornar um muçulmano. Algumas das práticas do Islã é orar cinco vezes ao dia voltado para Meca, também tem que ir pelo menos uma vez na vida para Meca, fazer jejum no Ramadã (o nono mês do calendário islâmico, no qual a maioria dos muçulmanos praticam o seu jejum ritual, o quarto dos cinco pilares do Islão). Interessante que não são práticas que vem da fé, por exemplo, quando falamos que uma pessoa está convertida é porque de fato ela recebeu o Espírito Santo que convence do pecado, justiça e juízo. Porque ninguém vai a Deus, digamos, por vontade própria, pois a carne na verdade é inimiga de Deus. Deus é “Santo, Santo, Santo!” e nós somos corrompidos. Tem que ter um chamado, alguma coisa, uma fé envolvida. No Islã não, seriam atos mecânicos para você se converter.

Vemos que a própria palavra Islã significa submissão, ou em alguns lugares pode ser “submeter à força”. O islamismo submete seus fiéis à força em um país que o islamismo cresce mais de 20 a 30%, colocando como regra a xaria que em árabe (شريعة; transliterado: shari‘ah) significa “legislação”. Esse é o nome dado ao direito islâmico. Em várias sociedades islâmicas, ao contrário do que ocorre na maioria das sociedades ocidentais, não há separação entre a religião e o direito, todas as leis sendo fundamentadas na religião e baseadas nas escrituras sagradas ou nas opiniões de líderes religiosos, que é o governo da religião islâmica sobre as pessoas, isso é imposto, uma religião de imposição. No judaísmo, no cristianismo e no islamismo tem-se o mesmo Deus? Não, isso seria incompatível. No cristianismo, digamos assim, Deus é o Pai de Jesus Cristo, e no islamismo o deus Alá, considera Jesus apenas como um profeta, sendo Maomé o maior profeta. Não tem como ser o mesmo Deus, fica incompatível.

Quem foi Maomé

Abū al-Qāsim Muḥammad ibn ‘Abd Allāh ibn ‘Abd al-Muṭṭalib ibn Hāshim ou apenas Maomé (Muhammad significa Maomé que quer dizer “louvado”, o maior e último profeta segundo o islã). Maomé diz que recebeu do anjo Gabriel o Alcorão. Então, de acordo com o Islã o Cânon não se encerrou em Apocalipse com os apóstolos, com os profetas bíblicos, ele continuou com Maomé. Mas como o anjo Gabriel supostamente passa uma mensagem para Maomé, vamos ver se isso seria bíblico, pois Paulo fala:

“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.”

Gálatas 1:8

“E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz.”

2 Coríntios 11:14

“Conheça agora um pouco da religião islâmica e de seu fundador e profeta Maomé. O islame (isto é, abandono à vontade de deus) é uma mistura de superstições árabes com ideias cristãs e judaicas. Ensina a existência de um só deus, Alá, que enviou à terra vários profetas, como Abraão, Moisés, Jesus, os quais revelaram parte da verdade religiosa; Maomé, porém, era o último e o maior. Os fiéis devem crer na imortalidade da alma, no juízo final. Alá tem a sorte dos homens escrita no livro do destino (fatalismo). Os que morrem lutando por sua causa e os bons irão para um paraíso de sete céus, cheio de prazeres materiais.”

História Geral pag. 162 – Joaquim Silva e J.B.D.Penna.

“O paraíso que Maomé descrevia era um verdadeiro jardim de delícias; lá não faltavam alimentos saborosos, água gelada, divãs adornados de pedrarias, belas mulheres (as huris), e, principalmente, a visão de deus, que provocaria um êxtase sensual. Essa visão do paraíso deixava com água na boca os árabes do deserto. Eles não demoraram em seguir Maomé.” História Antiga e Medieval pag. 307 – José Jobson de A Arruda.

➤ **Fatalismo:** substantivo masculino

1. doutrina segundo a qual os acontecimentos são fixados com antecedência pelo destino.
2. atitude dos que acreditam nessas ideias.

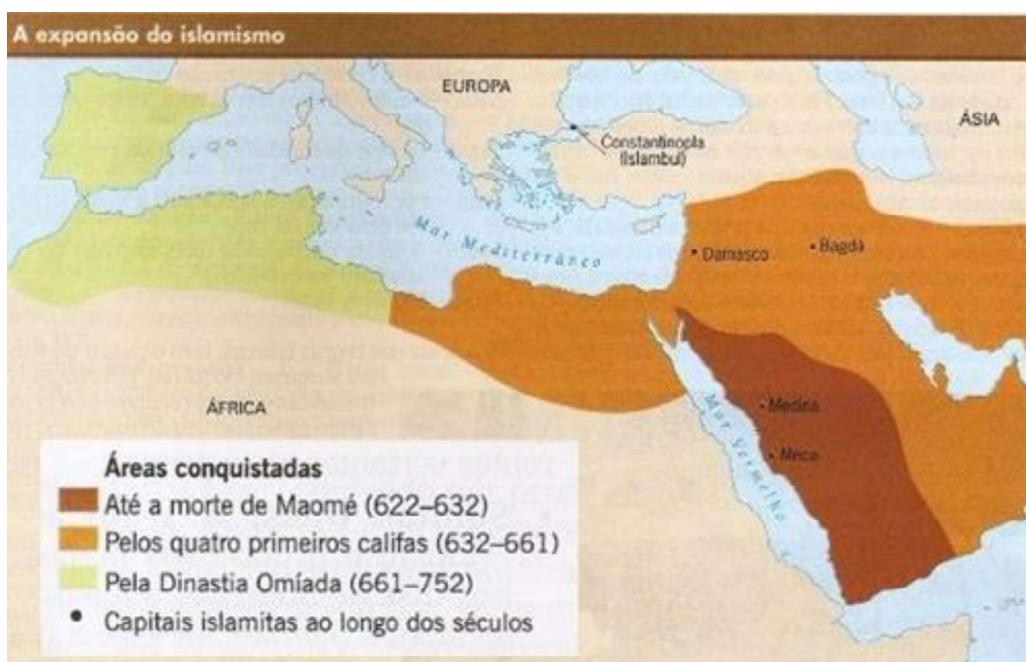
Maomé morreu em Medina, onde fez construir a Mesquita de Quba, a primeira do Islão. Segundo a tradição religiosa, Maomé subiu aos céus, partindo da torre da Mesquita, no ano de 632 da era cristã, ou ano 10 da Hégira.



Mesquita de Quba

“Seguindo as ordens do profeta, os califas procuraram expandir o islão. Quando Maomé morreu, apenas a Arábia estava convertida. Seu sucessor, Abu-Bekr, dominou algumas tribos árabes revoltadas e, em seguida, iniciou o avanço em direção à Síria e a Pérsia. Entre 634 e 644, o grande Omar transformou o Estado nacional árabe num Império teocrático mundial. Para governá-lo, estabeleceu um regime militar; o comandante das tropas de ocupação tornava-se o governador civil, o chefe religioso, o juiz. Omar realizou a conquista da Síria, Palestina, Pérsia e Egito.” História Antiga e Medieval pag. 309 e 310 – José Jobson de A Arruda

Abu Bakr: foi conselheiro do profeta Maomé, fundador do islamismo. Depois da morte do profeta, tornou-se o líder do mundo muçulmano. Ele é conhecido como o primeiro califa. Abu Bakr nasceu em Meca (cidade que fica onde atualmente é a Arábia Saudita), que também foi a cidade natal de Maomé. Sua filha Aicha foi a terceira mulher do profeta. Quando Maomé estava morrendo, pediu a Abu Bakr que coordenasse as práticas da oração e as peregrinações em seu lugar. O profeta tinha se tornado mais que líder religioso dos territórios muçulmanos; ele era também seu dirigente político. Com a morte de Maomé, no ano de 632, Abu Bakr governou como “califa”, palavra que significa “sucessor”. Os territórios muçulmanos passaram a ser chamados de califados. Como califa, Abu Bakr lutou contra as tribos árabes que se rebelaram contra ele e logo elas se submeteram ao governo muçulmano. Em seguida, mandou exércitos para os territórios onde hoje ficam a Síria e o Iraque. Desse modo, iniciou uma série de conquistas que difundiram o islamismo para muito além da Arábia. Abu Bakr morreu em 634.



Omar ibne Alcatabe: conhecido em português simplesmente como Omar ou Umar, foi o segundo dos califas muçulmanos (634-644), o mais poderoso dos califas e um dos mais poderosos e influentes governantes

muçulmanos. De acordo com a história do islamismo, o primeiro califa teria sido Abu Bakr, o sogro do profeta Maomé, que assumiu a liderança da comunidade islâmica em 632 d.C.

Califa: é um título atribuído ao líder religioso da comunidade islâmica, considerado pelos muçulmanos como um dos sucessores do profeta Maomé, exatamente o que a palavra califa significa, sucessor. O califa é o chefe máximo de um califado, que consiste numa espécie de sistema de governo dos muçulmanos que se baseia nas leis islâmicas (xaria). Os califas representam a maior autoridade jurídica, política, militar, social e religiosa dentro de seus califados. Comparativamente, um califa pode ser considerado um tipo de imperador, sob a ótica do mundo ocidental. A palavra “califa” é derivada de khalifa, versão abreviada de khalifatu rasulil-lah, expressão que significa “Sucessor do Mensageiro de Deus”, na tradução do árabe.



Islã: é o aportuguesamento da palavra em árabe islam. Essa palavra, nesse idioma, significa submissão e é derivada de salam, que significa paz. O sentido de paz mencionado não se refere ao conceito de guerra, mas sim a uma condição de paz entre corpo e espírito. O fiel adepto ao islamismo é conhecido como muçulmano ou mulçumana, e esses termos também têm origem no idioma árabe. Essas palavras são oriundas de muslim, que significa submisso, portanto, dentro da fé islâmica, muçulmano é aquele que é submisso a Deus, chamado de Alá.

Bíblia x Alcorão

A Bíblia é um conjunto de diversos escritos ao longo do tempo, praticamente desde a fundação do mundo. Temos o pentateuco, temos os profetas, cânticos, salmos, livros históricos, livros de provérbios, profecias, diversos tipos de cartas, tudo isso ao longo do tempo e um livro confirma o outro. Todas as profecias da Bíblia se cumpriram ou estão para se cumprir, por isso que podemos falar com certeza absoluta que a Bíblia é verdadeira e também porque os livros têm conexão, não existe entre eles contradição, nunca uma profecia falhou, sendo que elas foram escritas por autores diferentes em épocas diferentes, mas nunca se contradizem.

A antiga aliança remetia para Cristo, a Bíblia tem um sentido lógico. Agora, em relação ao Alcorão, desceu um anjo caído e falou para uma única pessoa; “É isso aqui e pronto!”. Não podemos comparar o por que a Bíblia vale e o Alcorão não? Por que a Bíblia vale e o Evangelho Espírita não vale? Para Allan Kardec foi a mesma coisa quando ele foi investigar casas mal-assombradas, fenômenos de fantasmas (poltergeist), ele volta com um evangelho. Não faz sentido. Joseph Smith fundador dos Mórmons também tem essa história, se dizia profeta, achou o livro dos Mórmons, enfim, tudo fora da Bíblia, outro evangelho. Já vimos como Paulo adverte em Gálatas 1:8 sobre um novo evangelho. Para fechar essa questão, tanto o islamismo, o livro dos Mórmons, o Alcorão, o Evangelho segundo o Espiritismo, são outros evangelhos, sendo assim, não é para aceitarmos.

A difusão do Islã

Percebemos que essa fumaça que sai do poço do abismo e este anjo que é o destruidor, são respectivamente a doutrina e o mensageiro dessa doutrina, lembrando que anjo significa mensageiro, um líder, alguém que lidera alguma coisa e estrela tem o mesmo significado de anjo. A estrela cair no poço do abismo e esse poço abrir e sair fumaça é o surgimento da Religião Islâmica. Essa estrela do abismo é Maomé, o líder da religião maometana. Esse anjo é o anjo da destruição, pois veio com ele grandes guerras que duraram 5 meses proféticos. A estrela recebeu uma chave, com ela abriu o poço do abismo e dela saiu uma grande fumaça que escureceu o sol e o ar. Essa parte da profecia retrata a difusão do Islã. Maomé fundou uma nova religião, que disseminou uma mensagem pelo mundo romano.

- **O brilho do sol:** simboliza no mundo real; cultura, conhecimento, sabedoria santidade, justiça.
- **O ar:** nos dá ideia de universalidade.
- **A fumaça:** representa doutrina, mensagem, adoração.
- **A chave do abismo:** representa o poder para formular a doutrina religiosa. Simbolicamente, quem possui uma chave tem poder para abrir e fechar uma religião. Jesus tinha a chave de Davi, ele inaugurou uma religião. Na linguagem profética Maomé foi a estrela, o mensageiro e o anjo.

Semelhantemente a Davi, Maomé tinha uma chave, porém, do poço do abismo — essa chave que Maomé tinha é vinda de outro lugar, um lugar profundo, obscuro, trevoso — ele também abriu uma religião, o Islã. A idolatria reina no mundo romano e Maomé se aproveitou disso para divulgar sua doutrina. A doutrina islâmica se espalhou contra a idolatria romana por todo o Império Bizantino como fumaça cobrindo o ar. O pouco que restava da cultura grega foi substituído por um sistema mais rudimentar de vida, a muçulmana. Essa nova doutrina é uma mistura de superstições árabes com ideias cristãs e judaicas, seus fiéis devem crer na imortalidade da alma e no juízo final.

É de ressaltar que quando Maomé veio com o monoteísmo islâmico, ele não foi muito bem aceito, pois mesmo lá na península arábica eles eram politeístas e isso era lucrativo para aquele povo. Quando Maomé foi à Meca divulgar sua doutrina, adorar um único Deus, o povo árabe não aceitou, pois as pessoas comercializavam em cima do politeísmo que sempre foi lucrativo no decorrer da história do mundo, então, como iriam fazer com o monoteísmo se um único deus não dava lucro. Mesmo assim Maomé tenta impor sua doutrina e é expulso de Meca, mudando para Medina. Em Medina Maomé consegue aliados, convence as pessoas da

sua doutrina durante oito anos, quando nesse tempo ele consegue reunir um exército e impõe o islamismo à força em Meca.

E com a fumaça do poço escureceu-se o sol e o ar

Inclusive foram os mulçumanos que puseram fogo na Biblioteca de Alexandria que continha mais de 600 mil rolos e pergaminhos sobre a história da humanidade, tudo destruído. Por onde os mulçumanos passavam destruíam a cultura e a história, por isso que escureceu o ar, o sol, a lua, eles trouxeram trevas, o analfabetismo. O próprio Maomé era semianalfabeto.

Os mulçumanos queimaram a Biblioteca de Alexandria, Panfilia: a Biblioteca de Alexandria foi durante muitos séculos, mais ou menos de 280 a.C. a 416, uma das maiores e mais importantes bibliotecas do planeta. Este valoroso centro do conhecimento estava localizado na cidade de Alexandria, ao norte do Egito, a oeste do Rio Nilo, bem nas margens do Mediterrâneo. Afirma-se que ela foi criada em princípios do século III a.C., em plena vigência do reinado de Ptolomeu II do Egito, logo depois de seu genitor ter se tornado famoso pela construção do Museum — o Templo das Musas — junto ao qual se localizava a biblioteca. Sua estruturação, a princípio, é geralmente creditada ao filósofo Demétrio de Falero, então exilado nesta região; muitos afirmam ser dele a concepção deste espaço cultural, depois de convencer o rei a transformar Alexandria em concorrente da glória cultural de Atenas. Durante sete séculos esta biblioteca abrigou o maior patrimônio cultural e científico de toda a antiguidade. Ela não apenas continha um imenso acervo de papiros e livros, mas também incentivava o espírito investigativo de cientistas e literatos, transmitindo à humanidade uma herança cultural incalculável. Ao que tudo indica, ela conservou em sua estrutura interna mais de 400.000 rolos de papiro, mas esta cifra pode, em alguns momentos, ter atingido o patamar de um milhão de obras. Sua devastaçāo foi realizada gradualmente, até ela ser definitivamente consumida pelo fogo em um incêndio atribuído aos árabes durante toda a era medieval.

Os exércitos mulçumanos invadem o Império Romano

“E da fumaça vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra.”

Apocalipse 9:3

Gafanhotos sobre a terra

Para que não haja dúvidas, vamos ver o que a Bíblia fala sobre gafanhotos, pois é ela que tem que ser a chave para nosso entendimento. Os gafanhotos fornecem um ambiente tipicamente arábico. Os árabes na Bíblia são chamados povos do Oriente:

Porém os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos do SENHOR; e o SENHOR os deu nas mãos dos midianitas por sete anos.

E, prevalecendo a mão dos midianitas sobre Israel, fizeram os filhos de Israel para si, por causa dos midianitas, as covas que estão nos montes, as cavernas e as fortificações.

Porque sucedia que, semeando Israel, os midianitas e os amalequitas, e também os do oriente, contra ele subiam.

E punham-se contra ele em campo, e destruíam os frutos da terra, até chegarem a Gaza; e não deixavam mantimento em Israel, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos.

Porque subiam com os seus gados e tendas; vinham como gafanhotos, em grande multidão que não se podia contar, nem a eles nem aos seus camelos; e entravam na terra, para a destruir.

Juízes 6:1-5

E os midianitas, os amalequitas, e todos os filhos do oriente jaziam no vale como gafanhotos em multidão; e eram inumeráveis os seus camelos, como a areia que há na praia do mar.

Juízes 7:12

Midianitas: Segundo o antigo testamento, são descendentes de Abraão e sua esposa Quetura, desposada após a morte de Sara. Os filhos deste novo segundo casamento, entre eles Midiã, foram enviados para uma terra distante, longe de Isaque, dito filho da promessa.

Os gafanhotos

Sobre os gafanhotos simbolizando uma praga temos o comentário do CONCISO (Dicionário Bíblico da Imprensa Bíblica Brasileira) sobre a praga de gafanhotos no Egito que confirma a origem árabe de gafanhotos:

“A descrição da oitava praga do Egito (Êxodo 10) apresenta uma narração autêntica de severa invasão de gafanhotos. O vento Oriental os trouxe do outro lado do istmo de Suez, e o vento do Ocidente tornou a lançá-los no Mar Vermelho, onde pereceram.” CONCISO, Dicionário Bíblico, Ed.18, pag. 115

Então o Senhor trouxe um vento ocidental fortíssimo, o qual levantou os gafanhotos e os lançou no Mar Vermelho; não ficou um só gafanhoto em todos os termos do Egito.

Êxodo 10:19

O istmo do Suez: é um estreito istmo que separa o mar Mediterrâneo do mar Vermelho, ligando os continentes africano e Asiático, no qual foi construído o canal do Suez.



Os gafanhotos estão ligados a uma questão Oriental, vemos os midianitas sendo comparados com gafanhotos. É um juízo, porém, quem traz esse juízo são os povos do Oriente; “Eram tão numerosos que não se podiam contar,”. Bem semelhante a Apocalipse capítulo 9.

As pregações e as promessas de Maomé reuniram um poderoso exército cujo vigor com que batalhavam e cujas vitórias frente aos romanos colocaram os árabes do deserto em evidência na história. Essa parte das profecias fala de seus exércitos e do poder que possuíam nas batalhas, os gafanhotos com poder de escorpiões. Os gafanhotos simbolizam exércitos, povos guerreiros, cavalos de guerra. Um exemplo bíblico que permite entender o sentido simbólico dos gafanhotos é a invasão das terras de Israel pelos midianitas no tempo dos juízes. Seus “exércitos” vinham em multidão, como gafanhotos. Mais um exemplo está no livro do profeta Joel quando fala de algumas invasões às terras de Israel por poderosas nações. Joel fala sobre a ação dos cavalos nas guerras os identificando como gafanhotos:

*O que ficou da lagarta, o gafanhoto o comeu, e o que ficou do gafanhoto,
a locusta o comeu, e o que ficou da locusta, o pulgão o comeu.*

*Despertai-vos, bêbados, e chorai; gemei, todos os que bebeis vinho, por causa do mosto,
porque tirado é da vossa boca.*

*Porque subiu contra a minha terra uma nação poderosa e sem número;
os seus dentes são dentes de leão, e têm queixadas de um leão velho.*

Joel 1:4-6

*Jurou o Senhor dos Exércitos por si mesmo, dizendo: Ainda que te enchi de homens,
como de lagarta, contudo levantarão gritaria contra ti.*

Jeremias 51:14

*Arvorai um estandarte na terra, tocai a buzina entre as nações, preparai as nações contra ela,
convocai contra ela os reinos de Ararate, Mini, e Asquenaz; ordenai contra ela um capitão,
fazei subir cavalos, como lagartas eriçadas.*

Jeremias 51:27

*Ou darás tu força ao cavalo, ou revestirás o seu pescoço com crinas?
Ou espantá-lo-ás, como ao gafanhoto? Terrível é o fogoso respirar das suas ventas.
Escarva a terra, e folga na sua força, e sai ao encontro dos armados.*

Ri-se do temor, e não se espanta, e não torna atrás por causa da espada.

Contra ele rangem a aljava, o ferro flamante da lança e do dardo.

Agitando-se e indignando-se, serve a terra, e não faz caso do som da buzina.

Ao soar das buzinas diz: Eia! E cheira de longe a guerra, e o trovão dos capitães, e o alarido.

Jó 39:19-25

O Novo Dicionário da Bíblia diz: “A Arábia preeminente é uma terra de gafanhotos. Há numerosas espécies de gafanhotos. Os rabinos dizem que existem 800 variedades. São migratórios, mas suas migrações não tem lugar nem estações fixas do ano, nem intervalos de tempo. Seus enxames são levados ao redor pelo vento, visto que tem pouco poder de guiar seu voo. Usualmente invadem a Palestina a partir do deserto da Arábia, do sul a sudeste.” C Novo Dicionário da Bíblia, vol. 2, pag. 645

Vamos citarÊxodo 10 novamente para deixar claro que os gafanhotos vêm do Oriente, como mostra a Bíblia na praga sobre o Egito:

Então estendeu Moisés sua vara sobre a terra do Egito, e o Senhor trouxe sobre a terra um vento oriental todo aquele dia e toda aquela noite; e aconteceu que pela manhã o vento oriental trouxe os gafanhotos.

Êxodo 10:13

Ventos e o poder dos gafanhotos

Importante observar que ventos significam distúrbios políticos, revoluções e guerras. No sentido literal, os ventos orientais são guerras que vêm do Oriente. Os muçulmanos originários da Arábia vieram como gafanhotos trazidos por guerras orientais sobre o mundo dos romanos e varreram como enxurrada as terras que a igreja dominou por mais de 300 anos. Como em Apocalipse 8 o Império Ocidental foi destruído pelos bárbaros, agora o Oriente é destruído pelos muçulmanos.

Quanto ao poder dos gafanhotos, a descrição dada pela profecia mostra que existe semelhança perfeita com o exército muçulmano. Ela diz que aos gafanhotos foi dado “*poder, como o que têm os escorpiões da terra*”. Esses gafanhotos possuíam uma natureza diferente dos gafanhotos reais, não possuíam o poder de destruir o verde, mas o poder de escorpiões. Causavam um grande tormento, semelhante ao tormento de um escorpião quando fere um homem. Não agiam como gafanhotos, mas como escorpiões. Os árabes são do deserto como os escorpiões, que preferem viver em lugares desertos e áridos da terra. Os exércitos muçulmanos, procedentes do Oriente, foram representados por gafanhotos com o poder de escorpiões. Eles atormentaram os romanos com suas “guerras santas”.

A preservação das florestas e o castigo pela idolatria

E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm nas suas testas o selo de Deus.

Apocalipse 9:4

No capítulo anterior, os Godos — primeira trombeta — em suas conquistas devastavam os campos, destruíam as árvores e a erva verde. Estes gafanhotos de Apocalipse capítulo 9 são diferentes, eles recebem a ordem de não fazer aquilo que os Godos fizeram. O hábito instintivo do gafanhoto é de destruir a erva verde (Êxodo 10:12-15). Mas, estes estavam incumbidos de não as danificar. Para os povos árabes que viviam em regiões áridas da terra, o verde das florestas era uma dádiva e quando invadiram o Império Romano, tomaram precaução de não as destruir. Eram gafanhotos que tinham o poder dos escorpiões, não lhes interessava destruir o verde.

Aos exércitos muçumanos foram dadas ordens para que não fizesse dano ao verde e as florestas, nem aos homens que adoravam o verdadeiro Deus, e sim que ferissem apenas aqueles que não tinham em suas testas o selo de Deus. Deveriam atormentar as pessoas que praticavam a idolatria, contrária a doutrina islâmica. O selo de Deus, a marca de Deus, já falamos o que é, em Deuteronômio 6:4-8 temos a marca ou o selo de Deus, que é a crença em um único Deus:

Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças.

E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração;

*E as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa,
e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.*

Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos.

Deuteronômio 6:4-8

O monoteísmo maometano

A religião maometana se define como uma religião monoteísta, seu único deus é Ala. Quando eles fizeram guerra contra o Sacro Império Romano, os cristãos da Igreja Católica, esses cristãos na verdade eram de um cristianismo apostatado, não eram de um cristianismo bíblico. É um cristianismo que crê na trindade, adoração de santos, imortalidade da alma, morar no céu, guarda do domingo, enfim, era um cristianismo totalmente apostatado. Esse cristianismo apostatado que se aliou com o Império Romano Ocidental revivido — porque a ferida mortal da besta foi curada — esse império religioso passou a confrontar com esses gafanhotos, que é o Islã, começando uma guerra entre os muçulmanos e os adoradores da besta. O Império

Romano era os adoradores da besta, adoravam toda aquela configuração romana religiosa, por isso que vieram tantas pragas sobre eles.

Os gafanhotos representando o islamismo é o juízo de Deus sobre o Império Romano Oriental e sobre toda a estrutura do Sacro Império Romano. Quando eles, os gafanhotos, chegavam a uma cidade e encontravam os adoradores da besta, eles os submetiam ao Islã. Ou eles aceitavam o Islã ou morriam, era assim. Por isso que a praga dos gafanhotos foi tão terrível, o juízo que os muçulmanos impunham aos adoradores da besta era tão forte que esses preferiram a morte, procuravam a morte, para eles era melhor morrer do que está no julgo dos Fedayin, os guerreiros islâmicos.

Mas quando encontravam alguém que era seguidor da bíblia e não aceitava o romanismo, como os povos do deserto, eles não faziam nada. Os islâmicos chamavam os povos do deserto que guardavam os mandamentos de Deus de “povo da bíblia” ou “povos do deserto”. Esses não recebiam o juízo dos gafanhotos, porque eram monoteístas, não aceitavam o julgo da Igreja Católica Romana, não eram idólatras, então os mulçumanos os deixavam em paz. Exatamente como diz a profecia, perturbariam somente os adoradores da besta: “mas somente aos homens que não têm nas suas testas o selo de Deus.”

“Perdoai às mulheres, aos velhos, às crianças, às palmeiras, às searas, às frutas e aos animais.”

História Universal vol. IX, cap. 1 pag. 26 – Cezare Cantu

“Depois da morte de Maomé, quando as tribos Árabes se espalharam para a propagação do islamismo através da guerra santa, o califa Abu-Bekr, seu sucessor, instruiu os chefes de seu exército que suas vitórias fossem obtidas: “Sem destruir as palmeiras e queimar os campos de milho, sem cortar as árvores frutíferas e fazer dano ao gado”. Sir William Muir, The Caliphate, Its Rise, Decline and Fall. pág. 65

“Diferente dos Godos, pouparam as árvores, a erva e toda a vegetação, porque Maomé assim havia mandado, porquanto, para os que viviam nas solidões dos desertos da Arábia, as árvores eram consideradas as melhores bênçãos do céu.” Manual Bíblico pág. 631

Um século e meio de tormento

E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem.

Apocalipse 9:5

Sabemos que na visão profética um dia equivale a um ano. Não matar os homens, apenas feri-los, os muçulmanos não queriam que os homens morressem, mas que aceitassem a doutrina de Maomé, pois o

objetivo deles era ampliar sua religião. Por isso não destruíram as nações que invadiam, apenas atormentavam os povos até aceitarem o islamismo. Essa atitude dos muçulmanos durou 150 anos, o que concorda com as informações dadas pela profecia, cinco meses. Durante esse tempo, os gafanhotos não mataram os homens, apenas feriram como se fossem escorpiões.

Cinco meses proféticos

Cinco meses é a temporada normal dos gafanhotos, maio a setembro. Esses gafanhotos receberam o mesmo período para atormentar os homens, porém, o detalhe que esse período é profético. Aplica-se aqui um importante princípio de interpretação profética aceito por todos os escatologistas, o princípio do dia/ano. Segundo esse princípio, um dia em profecia corresponde a um ano literal, referências bíblicas autorizam essa interpretação. O mês bíblico tem 30 dias, assim cinco meses são 150 dias. Ao tomar o princípio de um dia profético para cada um ano literal, tem-se 150 anos. Foi justamente esse tempo concedido aos árabes muçulmanos para atormentar o Império Bizantino e causar dano aos homens que não tinham na frente o selo de Deus, homens que não haviam aceitado a doutrina de um só Deus.

E, quando tiveres cumprido estes dias, tornar-te-ás a deitar sobre o teu lado direito, e levarás a iniqüidade da casa de Judá quarenta dias; um dia te dei para cada ano.

Ezequiel 4:6

Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniqüidades quarenta anos, e conhecereis o meu afastamento.

Números 14:34

Cinco meses proféticos são contados a partir do ano 636 d.C., quando os árabes chegaram à “Terra Santa”. Paul Johnson diz que a primeira derrota dos bizantinos para os muçulmanos ocorreu na Palestina, na histórica batalha de Yamuk, e o período que os muçulmanos atormentaram o mundo romano terminou em 786 d.C.

“Os Bizantinos foram decisivamente derrotados na batalha do Yarmuk em 636 e em quatro anos os muçulmanos ocuparam toda a Palestina e a maior parte da Síria, também”. História dos Judeus – pag. 168 – Paul Johnson

“Durante 150 anos continuaram se esforçando por conquistar o mundo. No reinado de Haroun al-Rashid, 786-809, no apogeu da glória sarracena, deixaram de ameaçar o resto do mundo, e começaram a cultivar relações pacíficas com as nações não conquistadas.”. Manual Bíblico pág. 631

Harune Arraxide: (em árabe: هارون الرشيد; transl.: Hārūn ar/al-Rashīd — “Aarão, o Justo” ou “Aarão, o Bem-guiado”), foi o quinto califa abássida, reinando entre 786 e 809, numa época marcada pela prosperidade científica, cultural e religiosa no Islã. Ele foi o fundador da lendária biblioteca chamada de “Casa da Sabedoria” (Bay al-Hikma). Já entre o que se sabe ser fictício está o famoso livro “As Mil e uma Noites”, que contém muitas histórias fantásticas sobre a corte de Harune e sobre o próprio califa. A família dos barmecidas, que até então tinha tido um papel fundamental no estabelecimento do Califado Abássida entrou em declínio a partir do reinado de Harune Arraxide.

Se for somado 150 anos a 636 d.C., chega-se a 786 d.C. É o comprimento exato da profecia, quando foi inaugurada uma nova era pelo califa Haroun AL-Rashid. Conhecido como amante da paz, ele preferiu viver de mãos dadas com os povos da época.

“Conta-se que o próprio califa teria presenteado o Imperador Carlos Magno com as chaves simbólicas do Santo Sepulcro em testemunho de sua boa vontade para com os cristãos.” Enc. Novo Conhecer – vol. VII pag. 1729

Veja agora a situação da terra de Israel pouco depois da cristianização do Império Romano.

“Na Palestina, a partir das primeiras décadas do quinto século, Jerusalém e outros sítios associados com JESUS foram cristianizados e igrejas e mosteiros estabelecidos. Pequenas comunidades judaicas sobreviveram, sobretudo na Galiléia, onde o Talmude do Ocidente foi completado mais ou menos na época de São Jerônimo (342-420), que estabeleceu seu próprio círculo monástico particular em Jerusalém e atestou a pobreza e miséria dos judeus. Pouco depois de sua morte, um grupo em bando de monges sírios chefiados pelo fanático Barsauma dirigiu uma série de programas contra a Palestina Judaica, incendiando sinagogas e povoados inteiros. Durante a idade das trevas, realmente, a Palestina se tornou crescentemente empobrecida e despovoada em consequência do conflito religioso.” Harley. op. cit. pag. 631

E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

Apocalipse 9:6

Foi na Palestina que os árabes começaram a perturbar o Império Romano, e foi com algo ligado a ela que procuraram provar que estavam em paz. Durante 150 anos os muçulmanos tentaram de todas as formas impor o Islã e para cumprir tal objetivo não pouparam esforços, atormentaram e hostilizaram os povos. Obrigavam a aceitarem a doutrina islâmica à base de uma “Guerra Santa”. O relato bíblico descreve a terrível situação que o povo bizantino passou em função das cruéis torturas causadas pelas guerras muçulmanas. De fato, o Império Bizantino não caiu por causa das incursões muçulmanas, somente sentiu a dor dessas invasões belicistas. Sua queda foi acontecer séculos mais tarde.

Foi como uma tortura continua, que demorou 150 anos. Isso destruiu a cultura romana, os muçulmanos vieram para impor o islamismo de qualquer jeito, porém, não vieram para matar os homens como foram as invasões bárbaras. Os bárbaros vieram devastando, matando, os muçulmanos não, eles vieram para impor. Por isso os homens procuravam a morte, mas a morte fugia deles.

Os exércitos muçulmanos

E o parecer dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre as suas cabeças havia umas como coroas semelhantes ao ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens.

E tinham cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como de leões.

E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate.

Apocalipse 9:7-9

Os guerreiros muçulmanos



Os Fedayins eram guerreiros do exército muçulmano, eles usavam turbantes com coroas de bronze que pareciam ouro, viam aparelhados com cavalos como um grande exército. Repare que a espada muçulmana é parecida a um ferrão de escorpião. Os Fedayins usavam a espada atrás da cabeça ficando como se fosse um ferrão de escorpião. Imaginem eles montados nos cavalos, usando turbantes e segurando essa espada atrás da cabeça, bate exatamente com a descrição bíblica.

Fedayin: é um termo utilizado para descrever diversos grupos ou indivíduos militantes, na Armênia, no Irã e no mundo árabe, em diferentes momentos históricos.



As espadas dos Fedayins, as cimitarras, pereciam com ferroes de escorpiões.

Os exércitos muçulmanos eram compostos por ferozes guerreiros e não precisavam de comandantes, eram dedicados de alma aos combates, se aparelhavam em bandos para os ataques, saiam e voltavam às batalhas, usavam poucas armas de defesa e ataque, tinham em suas cabeças turbantes, enfrentavam seus inimigos vestidos com uma couraça de ferro e tinham em suas mãos espadas, arcos e flechas. Eram “os gafanhotos com

rostos de homens, cabelos de mulheres e dentes de leões". Harlley nos estudos que fez sobre esta profecia trouxe uma preciosa definição sobre o exército muçulmanos. Segundo suas pesquisas; "...os muçulmanos formavam um exército implacável de ferozes cavaleiros, famosos pelas barbas e longos cabelos, como de mulheres, turbantes amarelos que pareciam de ouro e férrea cota de malha." Ibid. pag. 631,633

Quanto ao detalhe que os seus "dentes eram como os de leões", podem ser entendidos através de algumas passagens bíblicas que contam que a ferocidade dos leões é um atributo de povos guerreiros. Os muçulmanos eram estes guerreiros. Apesar de não serem um exército na definição convencional, a aparência deles era semelhante à de "cavalos aparelhados para a guerra", e seus "dentes eram como os de leões".

E dos gaditas se desertaram para Davi, ao lugar forte no deserto, valentes, homens de guerra para pelejar, armados com escudo e lança; e seus rostos eram como rostos de leões, e ligeiros como corças sobre os montes:

1 Crônicas 12:8

Em vão castiguei os vossos filhos; eles não aceitaram a correção; a vossa espada devorou os vossos profetas como um leão destruidor.

Jeremias 2:30

Já um leão subiu da sua ramada, e um destruidor dos gentios; ele já partiu, e saiu do seu lugar para fazer da tua terra uma desolação, a fim de que as tuas cidades sejam destruídas, e ninguém habite nelas.

Jeremias 4:7

Porque subiu contra a minha terra uma nação poderosa e sem número; os seus dentes são dentes de leão, e têm queixadas de um leão velho.

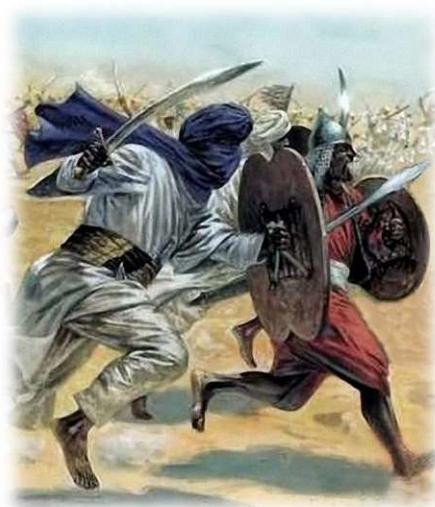
Joel 1:6

Em 1 Crônicas 12:8 está falando dos guerreiros gaditas da tribo de Gade, uma das doze tribos de Israel. Uma descrição de guerreiros com as mesmas descrições proféticas do Apocalipse. Não está se referindo a outra coisa, como helicópteros, drones, como pregam alguns pastores. Não é nada futurista, míssil, caças supersônicos, não têm nada disso na Bíblia. As pessoas preferem ouvir algo que é do tempo dela, quando você diz que muitas coisas no Apocalipse aconteceram no passado, as pessoas negam alegando que tais coisas que estão descritas no livro de Apocalipse têm que acontecer agora, no tempo atual. Isso é modismo, é um modismo da famosa e equivocada interpretação dispensacionalista que veio dos Jesuítas e maçons (como já vimos em capítulos anteriores). Só lembrando que é uma interpretação futurista, colocando como marca da besta um chip ou coisa parecida, com um Anticristo de 7 anos que ainda virá. Essa é uma interpretação fantasiosa.

Esses gafanhotos “tinham caudas com ferroes, semelhantes às dos escorpiões”, e nelas estavam o poder de causar dano aos homens. Essas caudas e esses aguilhões são as espadas usadas por eles nas batalhas. A descrição dada pela profecia mostra o principal instrumento bélico que os árabes usavam nos combates, a cimitarra. Essa é uma espada de lâmina curva e larga que ao ser carregada a tiracolo, ou manejada na batalha, os tornava parecidos com os escorpiões. Césare CANTU diz que os muçulmanos eram sempre guerreiros “seminus”, que combatiam a pé com arcos e flechas, ou a cavalo com lança e cimitarra.

“...manejavam suas armas com mais habilidades do que arte e mostravam valor particular nos combates de corpo a corpo: exercitados finalmente na pilhagem, nas incursões em bandos destacados, sem máquinas de guerra, quer para a defesa de campo ou para o ataque a muralhas, montavam cavalos muitíssimos ligeiros e dóceis, com os quais davam carga, fugiam e voltavam, sem se cansar. Os seus exércitos não apresentavam tampouco uma linha compacta de guerreiros, porém de vários corpos distintos e cavalaria ou arqueiros que sucediam. Renovavam assim o combate muitas vezes no mesmo dia, de sorte que no momento que o inimigo já contava vitória, achava-se assaltado novamente acaba por ceder, exausto de forças”. Cantu. op. cit. v.10, pag. 388, 389

Mesmo a espada dos Fedayins era mais leve do que a espada romana. Os romanos tinham espadas grandes, pesadas, que os faziam cansar mais rápido. As vestes muçulmanas também eram leves, diferentes das armaduras romanas.



Guerreiros Muçumanos



Guerreiros Romanos

Vemos a citação histórica de Cantu que condiz com a citação bíblica que lemos em 1 Crônicas 12:8, que também condiz perfeitamente com a citação bíblica de Apocalipse. Essa é uma interpretação realista do Apocalipse, sem fabulas, sem achismos e especulações, como fazem muitos dizendo que as trombetas ainda irão tocar, que os sete selos ainda irão ser abertos. Eles somente fazem especulações que não tem sustentação.

Maomé, o rei dos muçulmanos

E tinham sobre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abadom, e em grego Apoliom.

Apocalipse 9:11

Os exércitos muçulmanos eram influenciados pelo Alcorão, onde consta a doutrina de Maomé. Não precisavam de generais na batalha, pois conforme mostra esta profecia, tinham sobre si como rei o “anjo do abismo”, o destruidor. A Bíblia diz:

Os gafanhotos não têm rei; e contudo todos saem, e em bandos se repartem;

Provérbios 30:27

O legado de Maomé

Se gafanhotos não tem rei, como os de Apocalipse capítulo 9 tinham? Estes tinham um rei, Maomé. Mesmo morto e no abismo (Sheol, sepultura) era considerado o profeta da religião e líder dos muçulmanos. Foi depois de sua morte que os árabes deram início às suas grandes conquistas, influenciadas por palavras do Alcorão. As tribos se espalharam para difusão do islão sob “ordem” do profeta. O nome do “anjo do abismo” é Abadom em hebraico e Apoliom no grego. Tanto no hebraico como no grego seu significado é o mesmo, destruidor. Logicamente não foi o anjo Gabriel que entregou o Alcorão para Maomé, foi um anjo caído que se transfigurou em um anjo de luz. Esse anjo caído os influencia até hoje, é o anjo da morte.

Sob as ordens de Maomé, os exércitos muçulmanos saíram em bandos para destruir os povos. Nas primeiras conquistas que se deram no Oriente, os árabes tomaram o Império Bizantino, a Palestina, a Síria e a Armênia. Ocuparam depois o Império Persa e submeteram o Egito e o norte da África. Mais tarde um chefe berbere, Taric, a frente de um exército, atravessou um estreito então chamado Colunas de Hércules, e desembarcaram junto a montanha que tomou seu nome. Poucos anos depois estavam senhores de quase toda a península Ibérica Cristã. Interessante que esse exército de gafanhotos tinha como rei o “anjo do abismo”, mesmo com Maomé morto ele ainda ditava as ordens. Uma frase que descreve muito bem a fé maometana é: “Nós amamos a morte tanto quanto vocês amam a vida”. Essa fé está muito viva nos dias de hoje, vamos ver uma reportagem da BBC News Brasil:

“Nós amamos a morte tanto quanto vocês amam a vida”, diz militante do EI. BBC News Brasil, 22 maio 2015.

Com seu mais recente triunfo, envolvendo não só a captura da cidade histórica de Palmira, mas também de um importante campo de produção de gás natural próximo, o grupo autodenominado “Estado Islâmico” agora controla metade do território sírio. A violência dos militantes vem surtindo efeito, paralisando de medo seus inimigos. “Estamos indo atrás de vocês, com homens que amam a morte tanto quanto vocês amam a

vida. Vocês nunca estarão seguros enquanto estivermos vivos”, diz um integrante do “EI”. Palmira, uma cidade de grande valor histórico, agora está indefesa. Quando possível, o “Estado Islâmico” destrói qualquer vestígio do passado não islâmico de seus alvos. O grupo vem avançando numa velocidade extraordinária. Há dois dias, foi a vez de Palmira. Há cinco, militantes tomaram a cidade de Ramadi, próxima a Bagdá, capital do Iraque. Uma multidão de refugiados deixou Ramadi, em uma tentativa desesperada de escapar da ira do “EI”. Um pequeno grupo de 200 militantes derrotou um contingente dez vezes maior de soldados iraquianos. Os moradores da cidade sentem-se abandonados à própria sorte. Bagdá, por outro lado, parece estar tranquila. Quase dois terços do exército iraquiano está baseado na cidade ou em seus arredores para protegê-la. Mesmo diante dos recentes fatos, autoridades no Iraque acreditam que o “EI” pode e será derrotado e que o controle de Ramadi será retomado em algumas semanas. Mesmo assim, os últimos dias deixaram muitos no país em estado de choque.

Podemos dizer que realmente é o anjo da morte que está influenciando-os. Essas são frases típicas de grupos terroristas islâmicos. O pior que essa frase é a pura verdade, eles se explodem, vivem fazendo guerras, não tem qualquer amor pela vida. Tem sobre si o anjo da morte, o anjo destruidor, Maomé, que mesmo morto ainda lidera até hoje esses exércitos, o anjo do abismo, o destruidor.

Maomé, o líder espiritual dos muçulmanos foi o “anjo do abismo” da quinta trombeta. Os muçulmanos castigaram o Império Romano Oriental com as “guerras santas” e trouxeram o primeiro “Ai” do Apocalipse sobre os romanos. Nesse tempo os homens romanos viviam em função de se protegerem dos ataques muçulmanos. A morte passou perto deles, mas não morreram. O Império Bizantino ainda continuou a existir por ainda algum tempo, no entanto assolações ainda maiores iriam trazer seu fim.

Faltam ainda dois “Ais” sobre os homens

Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois ais.

Apocalipse 9:12

Os juízos de Deus sobre os romanos não terminaram com a invasão dos muçulmanos. Os próximos “Ais” revelam o peso da mão divina. O perigo da parte dos árabes havia passado, porém, horrores bem maiores haveriam de se abater sobre o povo que mudou as leis de Deus e corrompeu a Terra com suas tremendas idolatrias, que adoravam a objetos de suas próprias mãos que não podem ouvir, nem falar e nem ver. Esses dois “Ais” são as duas últimas trombetas do Apocalipse. A sexta trombeta é o segundo “Ai” e representa a invasão dos turcos otomanos na Europa bizantina.

“Todavia, desgraças ainda bem maiores haveriam de abater-se tanto sobre os cristãos orientais, como sobre os peregrinos que se dirigiam à Terra Santa. E que os povos mais terríveis que a Idade Média conheceu surgiram no Oriente assolando campos e cidades, assaltando e assassinando os peregrinos indefesos. Eram os Turcos, originários do Turquestão, na Ásia. Nenhum povo conseguiu deter o rápido avanço ferozes destes guerreiros que, como outros bárbaros, se intitularam defensores da fé maometana.”

Abraão de Almeida; Israel de Herodes a Dayan; pag. 47

O perigo por parte dos árabes havia passado, porém, horrores bem maiores haveriam de cair sobre o Sacro Império Romano, sobre o mundo católico que mudou as leis de Deus e corrompeu a terra com sua idolatria. Depois de contemplarmos as batalhas dos muçulmanos, entendemos que os homens bizantinos sofreram por mais ou menos dois séculos, mas não morreram. Nossa viagem vai saltar no tempo, vamos para a virada do ano mil, na entrada do século XI, os homens romanos enfrentaram novamente o medo e o terror, dessa vez, as muralhas de Constantinopla irão ruir com o toque da sexta trombeta.

O toque da sexta trombeta

Até agora viemos acompanhando as profecias que já foram realizadas durante a história, começamos no século I e agora já estamos entrando no primeiro milênio, século XI. Nesse capítulo vamos dar um bom avanço na história passando pelo século XI até chegarmos no século XV. A quinta trombeta foi o advento do islamismo, aquela estrela ardendo que caiu e abriu o poço do abismo, inaugurando uma nova religião. Essa fumaça que se espalhou, a nova religião, trouxe consigo os gafanhotos, os convertidos do Islã, os árabes. Eles causaram tormento aos adoradores da besta por 150 anos. O islamismo está descrito profeticamente na quinta trombeta. Vem agora o segundo “Ai”, a sexta trombeta, outro juízo de Deus ao Império da besta em sua parte Oriental conhecida como Império Bizantino. Vamos à leitura da sexta trombeta.

Apocalipse 9:13-21

A sexta trombeta

¹³ *E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus,*

¹⁴ *A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos, que estão presos junto ao grande rio Eufrates.*

¹⁵ *E foram soltos os quatro anjos, que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens.*

¹⁶ *E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles.*

¹⁷ *E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo e fumaça e enxofre.*

¹⁸ Por estes três foi morta a terça parte dos homens, isto é pelo fogo, pela fumaça, e pelo enxofre, que saíam das suas bocas.

¹⁹ Porque o poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas. Porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes, e têm cabeças, e com elas danificam.

²⁰ E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar.

²¹ E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua fornicação, nem dos seus furtos.

Vemos que o contexto está falando de juízos sobre o império da besta. É sempre importante não perder essa visão do que é o livro de Apocalipse, que é juízo de Deus sobre o Império Romano, seja na sua fase pagã, seja na sua fase, digamos, “cristianizada”. Temos então um período de juízos, os três “Ais”, que correspondem ao juízo de Deus sobre uma parte do império que vai se construir dentro, logicamente, de um cristianismo apostatado dos adoradores da besta. Esses juízos se fazem necessários, pois, assim como no império pagão dos césares que perseguiam e mandavam matar nossos irmãos, a igreja verdadeira. Esse império agora na sua segunda fase, chamada de Sacro Império Romano (sua fase cristianizada), vai criar uma imagem da besta, uma cópia do império pagão, só que agora com uma roupagem cristã, uma pseudo vestidura cristã. Os adoradores da besta adoram imagens de esculturas, adoração a santos, doutrinas pagãs, doutrinas trazidas do mitraísmo, a adoração do sol com uma pseudociência heliocêntrica. Tudo isso se constrói nesse período conhecido como “imagem da besta”.



Deo Soli Invictus (ou Invicto) Deus Sol Invictos

Mitraísmo: é o nome dado a uma antiga religião de mistérios desenvolvida por volta do século II a.C., na região do Mediterrâneo Oriental. Acredita-se que a maioria de seus adeptos estavam localizados em Roma, e os seus rituais eram realizados em templos denominados mitra. Popular em meio aos soldados romanos, o culto em pouco tempo se difundiu por todo o Império Romano nos séculos seguintes. Em 391, porém, o imperador romano Teodósio I declarou ilegal a prática do mitraísmo, assim como de outras religiões pagãs.

A quinta trombeta e a sexta trombeta entram dentro desse contexto dos adoradores da besta, que tem a marca da besta, o sinal da besta, que é a doutrina falsa divulgada e pregada pelo sistema do Anticristo. Ele vai subir justamente nesse período do sexto século. No sexto século o anticristo se consuma no trono — como

veremos em capítulos mais à frente — que coincide com a quinta, a sexta e por último a sétima trombeta que é nos dias de hoje, no nosso tempo atual.

Os Turquestões: quando os homens foram mortos

*E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro,
que estava diante de Deus,*

*A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos,
que estão presos junto ao grande rio Eufrates.*

*E foram soltos os quatro anjos, que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano,
a fim de matarem a terça parte dos homens.*

Apocalipse 9:13-15

Os ventos foram soltos, aqueles que estavam presos junto ao grande rio Eufrates. O levante muçulmano surgiu ali mesmo, próximo a região do rio Eufrates no Oriente Médio. Esses ventos estavam presos, mas os quatro anjos soltaram os ventos que estarão preparados para “a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens”.

Uma nova arma de guerra

Nossa viagem virou o milênio. Como temos notado, as paisagens que contemplamos estão tingidas de vermelho. Até o presente momento, a espada dominou as ações dos homens. Não será diferente nos próximos séculos, principalmente porque o povo mais feroz que a humanidade já conheceu acabara de surgir. Eles tinham um exército de quatro vezes 50 mil soldados e o que é interessante, esse exército usará uma nova arma de guerra que lança fogo, fumaça e enxofre. Ninguém poderá resistir. O Império Romano Oriental vai perecer diante desta arma letal, a bombarda. Em todas as invasões que vimos até agora, praticamente só se usava a espada e o arco como armas, porém, temos uma nova arma de guerra tão poderosa que irá trazer um grande terror ao reino Bizantino, um canhão primitivo, mas destruidor.

Bombarda Turca: também conhecida por Canhão Real ou Canhão de Maomé, foi uma gigantesca bombarda usada pelo Império Otomano para derrubar a muralha que protegia a cidade de Constantinopla, conseguindo, assim, adentrar na cidade. Fundida em Adrianópolis pelo engenheiro húngaro Orbón, a pedido do sultão Maomé II, o Conquistador, esta bombarda era um monstro de bronze de oito metros de comprimento que pesava sete toneladas. Construído com moldes duplos (para facilitar o seu transporte), a bombarda era composta por duas partes, feitas em bronze maciço, que eram rosqueadas para formar a maior bombarda do mundo, cujas peças possibilitavam encaixes transversais cruzados para a inserção de alavancas que permitissem aos soldados girar os canos, de forma a rosquear o carregador de pólvora ao cano de disparo. Mesmo

sendo dividida ao meio para melhor facilitação de seu transporte, para chegar ao local do disparo, a bombarda foi arrastada por 60 bois, auxiliados por um contingente de 400 homens.



Bombarda turca usada para destruir as muralhas de Constantinopla



Bombardas de mão ou bombardas portáteis criadas em 1365.



Ataque turco às muralhas de Constantinopla.

Foi a primeira vez que se usou esse tipo de arma, inclusive vamos ver no decorrer do estudo que Constantinopla era uma cidade inexpugnável, ela nunca foi conquistada por meio da guerra. Mas com esse novo armamento os turcos otomanos irão subjugar a cidade de Constantinopla, onde hoje é a cidade de Istambul. Esse artefato lança fogo, jacinto e fumaça de suas bocas. Convém lembrar que ventos em profecias são guerras. Estavam retidos e foram soltos, isso significa que irão ocorrer guerras. Isso está claramente descrito no livro de Jeremias, de Daniel e outros livros da bíblia que mostram que ventos são guerras.

E os seus camelos serão para presa, e a multidão dos seus gados para despojo; e os espalharei a todo o vento, àqueles que estão nos lugares mais distantes, e de todos os seus lados lhes trarei a sua ruína, diz o Senhor.

Jeremias 49:32

E trarei sobre Elão os quatro ventos dos quatro cantos dos céus, e os espalharei na direção de todos estes ventos; e não haverá nação aonde não cheguem os fugitivos de Elão.

Jeremias 49:36

Naquele tempo se dirá a este povo e a Jerusalém: Um vento seco das alturas do deserto veio ao caminho da filha do meu povo; não para padejar, nem para limpar;

Jeremias 4:11

Falou Daniel, e disse: Eu estava olhando na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar grande.

Daniel 7:2

Os turcomanos

Os guerreiros mais temidos durante a primeira metade do segundo milênio da Era Cristã foram os turcomanos. O espírito cruel que possuíam e a violência de suas batalhas são notáveis no descrever da história. Eles causaram os maiores tormentos à Europa, são os responsáveis pelo segundo “Ai” de Apocalipse. Pode ser feita uma definição geral dessa profecia baseada nas interpretações de seus simbolismos, ao transformar suas simbologias em informações literais, é possível entender que está em pauta uma sexta batalha contra o Império Romano. Dessa vez, quatro comandantes lideram o balístico e lutam por um tempo determinado até destruir a terça parte de seus habitantes.

Os quatro sultanatos

Essa profecia coloca em cena as invasões otomanas que por vários séculos assolaram o Império Romano Oriental. Os turcos atravessaram o Eufrates no início do século XI, apoderaram-se do mundo maometano e passaram a atormentar os cristãos. Dentro do islamismo havia os califas, tidos como sucessores de Maomé, os turcos otomanos dividiam-se em sultanatos. Os quatro anjos são os quatro principais sultanatos situados na região banhada pelo rio Eufrates que formavam o Império Turco. São eles: Alepo, Icônio, Damasco e Bagdá.

Alepo: é uma cidade no norte da Síria, sendo a maior cidade do país, capital da província homônima. A província se estende em torno da cidade, cobrindo uma área de 18.482 quilômetros quadrados, abrangendo uma população de mais de 5.315.000 habitantes, o que faz dele a maior província da Síria em termos de população.

Cônia ou Cónia: cidade chamada historicamente de Icônio ou Icónio, em latim: Iconium; em grego: Ικόνιον (transl. Ikónion), é uma cidade da Turquia situada na região de Anatólia Central, capital da área metropolitana e da província de Cônia, a maior da Turquia em superfície.

Damasco: é a capital da Síria, e um dos 14 distritos do país. O distrito de Damasco é administrado por um governador indicado pelo Ministro do Interior. É uma das cidades mais antigas habitada continuamente no mundo, sendo a capital de país mais antiga no mundo.

Bagdá: é a capital do Iraque e da província homônima. Com uma população de 7,5 milhões de habitantes, é a maior cidade do país. A sua área metropolitana conta com cerca de 9 milhões de habitantes. Bagdá também é a segunda maior cidade do Sudoeste Asiático, depois de Teerã.

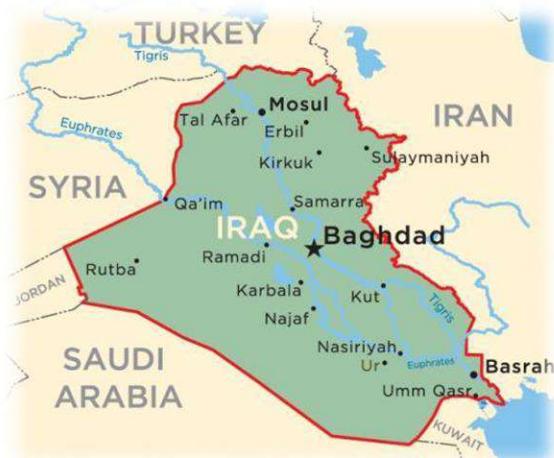


Alepo e Damasco - Síria



Ícônio - Turquia

Esses cristãos que foram atacados pelos otomanos são cristãos apostatados e não cristãos verdadeiros. Os verdadeiros cristãos estavam nessa época nos desertos, estavam profetizando vestidos de sacos. A Igreja verdadeira fugiu para o deserto estando protegida por Deus.



Bagdá - Iraque



O rio Eufrates passando pelos quatro sultanatos

O tempo de atuação dos quatro anjos

Há um detalhe importante na interpretação dessa profecia, o tempo de atuação desses “quatro anjos”. Aqui aplica-se novamente a linguagem bíblica de um dia por um ano (Ezequiel 4:6; Números 14:34). Os anjos estavam preparados para “aquela hora”, que é igual a 15 dias literais, “e dia”, que é igual a 1 ano literal, “e mês”, que é igual a 30 anos, “e ano”, que é igual a 360 anos. O cálculo é baseado no calendário judaico, que possui o ano de 360 dias; todavia a aplicação é feita no calendário romano de 365 dias. Então é necessário um acréscimo de 5 dias, o que resultaria em 396 anos e 15 dias. Esse foi o tempo determinado pela profecia,

dado aos turcos para matarem com violentas batalhas a “terça parte dos homens” do antigo Império Romano, agora cristianizado.

De acordo com a história, a data em que os turcos atravessaram o Eufrates foi o ano de 1057. Com esse ponto de partida mais 396 anos, chega-se ao ano de 1453. O que ocorreu? Nesse ano, com a ajuda de poderosos canhões, os turcos otomanos tomaram Constantinopla dos romanos, essa foi a última conquista deles. Lembrando que as bombardas portáteis que poderiam ser carregadas em cavalos, foram criadas em 1365, e a queda de Constantinopla foi em 1453. Isso prova nossa visão historicista, estamos seguindo a história de forma cronológica e com exatidão.

Conquista de Constantinopla (1453): como era típico da tradição muçulmana, em sua fase de expansão, cada sultão que emergia à liderança do Império Turco-Otomano precisava demonstrar a sua autoridade, conquistando e subjugando outros povos, de modo a ampliar ainda mais as dimensões territoriais. Nesse sentido, a principal conquista empreendida pelos otomanos foi a da cidade de Constantinopla, centro do Império Bizantino, também conhecido como Império Romano do Oriente, o mais poderoso império da Idade Média. Essa conquista ocorreu em 1453, época em que Constantino XII governava os bizantinos. O conquistador turco responsável pela queda de Constantinopla foi Mehmet II, que transformou a cidade em centro de seu império, dando a ela o nome de Istambul, que permanece até hoje.

O exército otomano

Apocalipse 9:16-18

16-E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles.

17-E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo e fumaça e enxofre.

18-Por estes três foi morta a terça parte dos homens, isto é pelo fogo, pela fumaça, e pelo enxofre, que saíam das suas bocas.

Essa é a descrição que a profecia faz sobre o exército otomano. Ela retrata a quantidade de soldados, 200 mil homens, a forma como eram equipados com couraças e armas de fogo e a quantidade de homens mortos por esse agrupamento bélico, “a terça parte dos homens”.

“Os fatos mostram que sob a liderança de Maomé II os turcos tomaram Constantinopla em 1453 e deram o golpe final sobre o que restava do império do oriente. Maomé II, no comando de um exército de 200 mil soldados e poderosa artilharia, atacou Constantinopla, defendida por 9 mil homens apenas. Após 50 dias de resistência desesperada, a cidade foi tomada de assalto. Nas casas, nos templos, enfureceu-se a luta. O último rei, Constantino XII, pereceu no combate. Maomé II entrou na Basílica de Santa Sofia e

proclamou: “Alá é grande, e Maomé é o seu profeta”. A cidade foi vandalicamente saqueada. Trucidaram-se milhares de cristãos, e cerca de 400 mil foram reduzidos à escravidão.” (Silva, op. cit., pag. 203, 204).



Maomé II: também conhecido como Mehmed II ou Mehmet II, pelo epíteto o Conquistador, ou ainda, em turco, Fatih Sultan Mehmed foi sultão do Império Otomano em duas ocasiões, a primeira em 1444 – 1446 e a segunda em 1451 – 1481.

Essas guerras foram em plena apostasia do Império Sacro Romano, por isso fala no versículo 20 desse capítulo; “E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependem das obras de suas mãos,”. Foram mortos e aconteceram todos esses tormentos causados pelos exércitos otomanos e ainda assim continuaram adorando pau, pedra e imagens de esculturas. Não podemos esquecer que esse é o segundo “Ai”, que é juízo de Deus, justamente por serem idólatras e outros pecados que são citados no final do capítulo 9. Essa idolatria está muito forte hoje, é muito importante entendermos o que aconteceu no passado para que não incorramos no mesmo erro em nossos dias.

200 mil soldados

Nos versículos acima se fala de 200 mil soldados. Na narrativa profética, algumas traduções falam de 200 milhões. Segundo o entendimento de alguns estudiosos, 200 milhões talvez seja o número de todos os soldados turcos em todo o período de dominação otomana. Todavia, o mais provável é que realmente sejam 200 mil. Relatos históricos indicam que 200 mil soldados era a característica dos otomanos ao se organizarem para a guerra. Veremos nessas duas citações abaixo que o número de aproximadamente 200 mil soldados era um costume do exército turco otomano.

“Anos depois, o Império Otomano decidiu conquistar Viena, a capital da Áustria, de modo a obter um ponto estratégico no centro da Europa. Assim, em 1683, um exército otomano com 150 mil soldados sitiou a cidade durante três meses, mas foi obrigado a se retirar por uma força europeia conjunta sob o comando de Jan III, o rei polonês. Esse fato marcou o fim da expansão otomana na Europa.”

Emma Marriot; A história do mundo para quem tem pressa; pag. 61

“As táticas das duas batalhas são muito menos interessantes que as lamentações posteriores dos mamelucos em relação à maneira como foram derrotados. Ibn Zabul, o historiador mameluco que deplorou a queda de sua casta, fala por gerações de preux chevaliers no discurso do chefe mameluco Kurtbay que recria: Ouça minhas palavras e escute-as, para que você e os outros saibam que entre nós estão os cavaleiros do destino e da morte vermelha. Um único de nós pode derrotar seu exército inteiro. Se você não acredita, tente, mas por

favor mande seu exército parar de atirar com armas de fogo. Você tem com você aqui 200 mil soldados de todas as raças. John Keegan; Uma história de guerra; pag. 46



Séculos antes da conquista de Constantinopla, quando eles começaram suas incursões aos povos muçulmanos, os exércitos otomanos, sob o comando de “Mamude, começaram por assaltar as fronteiras à frente de 200 mil homens”

CANTU, op. v. 13, pag. 34.

Mais tarde, quando Mamude fez aliança com Seldjuque, ele ouviu a seguinte resposta: “se mandares ao nosso acampamento um destes dardos, 50 mil homens montarão a cavalo para te servirem. Se não forem suficientes, manda outro à horda de Balique, e terás mais 50 mil homens. Porém, se quiseres mais, manda-me o meu arco; ele girará pelas tribos e acudirão 200 mil cavaleiros às tuas ordens” Ibid. p. 40.

“Guerrear com 200 mil homens em seus exércitos era uma característica dos otomanos. Bermilá e Togrul, 1055, quando invadiram Bagdá, estavam à frente de 200 mil turcos. Também Amurat, quando cercou Constantinopla, em 1422, lá estavam com ele 200 mil soldados atraídos ao mesmo tempo pelo desejo de se apoderarem da cidade dos césares” Ibid., v. 16 p. 429.

Mamude I: nascido no palácio de Edirne foi o sultão do Império Otomano de 1730 a 1754. Era filho de Mustafá II e irmão mais velho de Osmã III. Sucedeu a seu tio Amade III, que foi forçado a renunciar após uma insurreição dos janízaros liderados pelo albanês Patrona Halil.



Império Seljúcida: o Império Seljúcida foi um império islâmico sunita medieval, persianizado de origem turco-persa fundado pelo ramo Qynyq dos turcos oguzes que controlavam uma área vasta que se estendia do Indocuche até a Anatólia Oriental, e da Ásia Central ao Golfo Pérsico.

Temos que entender que esse exército de 200 milhões de soldados é formado ao longo de quatro séculos. Houve várias batalhas que digladiavam 70 mil, 100 mil, 200 mil homens por batalha. Foram quatro séculos, e fazendo uma somatória de todo o volume de exércitos e batalhas, chegariamos também ao número de 200 milhões de homens. 200 mil foi o maior exército reunido por Maomé II e a somatória de todos os exércitos envolvidos nas batalhas

diavam 70 mil, 100 mil, 200 mil homens por batalha. Foram quatro séculos, e fazendo uma somatória de todo o volume de exércitos e batalhas, chegariamos também ao número de 200 milhões de homens. 200 mil foi o maior exército reunido por Maomé II e a somatória de todos os exércitos envolvidos nas batalhas

maometanas ao longo de 400 anos, mais ou menos 8 gerações – pois naquela época a média de idade era de 50, 60 anos – que daria 200 milhões.

Quanto às características dos exércitos otomanos, elas soam um tanto semelhantes às dos exércitos muçulmanos, pois eram também povos do Oriente, como os árabes. A semelhança das “cabeças dos cavalos” com as cabeças dos leões é fácil entender. Os guerreiros turcomanos trajavam enormes turbantes, que, ao se curvarem sobre as crinas de seus cavalos para disparar suas armas de fogo, a impressão que se podia ter era de que os cavalos tinham cabeças semelhantes a “cabeças de leões”.



“E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo e fumaça e enxofre.”. Uma alegoria da visão do apóstolo João sobre como ficava a descrição desses cavaleiros em questão, os turbantes, a crina dos cavalos e mais o canhão que soltava fogo, jacinto e enxofre.

O jacinto e o enxofre

A profecia diz que os que estavam nos cavalos trajavam couraças de fogo, enxofre e jacinto. O jacinto é uma pedra avermelhada e o enxofre é uma espécie de pólvora. Os turcos foram os primeiros a usar armas de fogo em guerras. Armas de fogo usam pólvora e projéteis, carregadas a tiracolo junto com os cinturões de munição nos peitos dos soldados, permitiu o profeta descrever os trajes militares dos exércitos otomanos como compostos de “fogo, jacinto e enxofre”. Nas batalhas quando os soldados disparavam as armas de cima dos cavalos, a impressão era de que “fogo, fumaça e enxofre” saíam das bocas dos cavalos. Essas “três pragas” destruíram o Império Bizantino, “a terça parte dos homens” do antigo Império Romano. Fantástico!



Jacinto: é propriamente uma flor de um azul avermelhado ou púrpura, e por isso dá nome a uma pedra preciosa dessa cor. Supõe-se que seja a mesma que a mencionada em Êxodo 28:19 como a primeira pedra da terceira fileira no peitoral do sumo sacerdote. Em Apocalipse 9:17, a palavra é simplesmente descritiva da cor.



O enxofre ou súlfur (do latim sulphur): é um elemento químico de símbolo S, com número atômico 16 e massa atômica 32 u. À temperatura ambiente, o enxofre encontra-se no estado sólido. É um não metal insípido e inodoro, (o “cheiro de enxofre” vem de seus compostos voláteis, como o sulfeto de hidrogênio) facilmente reconhecido na forma de cristais amarelos que ocorrem em diversos minerais de sulfito e sulfato, ou mesmo em sua forma pura (especialmente em regiões vulcânicas). O enxofre é um elemento químico essencial para todos os organismos vivos, sendo constituinte importante de muitos aminoácidos. É utilizado em fertilizantes, além de ser constituinte da pólvora, de medicamentos laxantes, de palitos de fósforos e de inseticidas.

- **Pólvora:** também conhecida desde o final do século IX como pólvora negra, é uma substância que queima com rapidez, usada como propelente em armas de fogo e na realização do fogo de artifício.
- **A pólvora negra:** é composta de ingredientes granulares: Enxofre (S), Carvão vegetal (provê o carbono) e Nitrato de potássio (salitre - KNO₃, que provê o oxigênio).

Vemos uma dica do próprio livro de Apocalipse, da visão do apóstolo João, sobre a fórmula da pólvora. A pólvora não era conhecida quando o apóstolo João escreveu sobre a visão, mas ele já estava dando um dos componentes da pólvora. Levando em conta toda a cultura, vocabulário da época, temos que concordar que João descreveu suas visões com enorme exatidão.

Os canhões de Maomé II e a queda de Constantinopla

Apocalipse 9:19

19-Porque o poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas. Porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes, e têm cabeças, e com elas danificam.

Essa parte da profecia refere-se ao poder destrutivo do exército otomano. Esse poder estava nas “bocas” e nas “caldas” dos cavalos. As “caldas” tinham “cabeças” que causavam dano. Além das armas de fogo portáteis, os otomanos estavam diante de Constantinopla com a arma do século, o canhão. Os muros da cidade eram capazes de resistir aos mais duros ataques e só caíram com o emprego desse novo engenho de destruição. Pode-se dizer que seus muros foram responsáveis pela longa duração do Império Romano do Oriente, criado por Teodósio em 395. Como já dissemos, os muros de Constantinopla eram considerados indestrutíveis, por isso o exército romano era de certo modo pequeno, nove mil homens, pois toda a segurança de Constantinopla

estava nos seus muros. Diz ARRUDA que “a cidade só caiu em 1453 porque suas grossas muralhas foram destruídas pelos poderosos canhões de Maomé II, construídos por engenheiros saxões”.

ARRUDA, op. cit., p. 295



Os muros de Constantinopla eram como escalonados, dificultando a chegada dos exércitos inimigos, mas os canhões turcomanos derrubaram esses muros. Como diz a descrição de Apocalipse; “Porque o poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas”. Vamos ver nas figuras abaixo que os canhões tinham uma cabeça e tipo uma cauda/rabo que era usado para a pólvora. Os cavalos iam puxando esses canhões que pareciam serpentes. Eles eram compridos e tinham camadas que pareciam de cobras, por isso que a cauda causava dano, pois os cavalos puxavam os canhões que pareciam serpentes e sua cabeça também causava dano, porque era de onde saia o projétil da bombarda. Os turcomanos iam com a bombarda de mão usando a pólvora negra (enxofre) e além disso alguns cavalos puxavam os canhões. Esses canhões e mais alguns canhões maiores foram os que derrubaram as muralhas. O apóstolo João que nunca tinha visto um canhão, na sua visão descreveu tais canhões como uma serpente, uma serpente de bronze que tem uma cabeça que solta fogo, fumaça e que danifica.



Eram esses canhões puxados pelos cavalos que davam a aparência de que eles tinham “caudas semelhantes a serpentes, e cujas cabeças causavam dano”. Essas “cabeças” eram os projéteis dos canhões que disparados contra os inimigos, provocavam grandes destruições. Para se ter uma ideia do poder destrutivo deles, numa batalha naval antes da queda de Constantinopla, Maomé II pôs a pique o navio inimigo apenas com um disparo. Esses canhões arrastados pelos cavalos e as armas de fogo disparadas de cima deles produziam o aspecto descrito pela profecia de que o poder dos cavalos estava em “suas bocas e nas suas caudas”.

Temos no contexto os quatro sultanatos, os quatro ventos junto ao rio Eufrates para serem soltos. Temos um exército de 200 mil cavaleiros, temos a cabeça de leão, os turbantes otomanos. Temos os canhões portáteis que soltavam fogo e os canhões puxados por cavalos que parecem serpentes. Nós temos uma descrição do contexto da sexta trombeta que bate exatamente e também o período que é “hora, dia, mês e ano”,

quatro séculos de guerras e conquistas entre os otomanos sobre os adoradores da besta. A terça parte dos adoradores da besta foi ferida e morta com este segundo “Ai”.

Apocalipse 9: 20-21

20-E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependem das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar.

21-E não se arrependem dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua fornicação, nem dos seus furtos.

A idolatria, razão dos flagelos romanos

A parte Oriental do antigo Império Romano caiu nas mãos cruéis dos turcos com o efeito do uso dessas armas. Os seus habitantes pagaram o preço de suas idolatrias. Aí está a razão desses flagelos, a idolatria dos romanos que agora recebiam o juízo da mão divina. Uma parte do Império Sacro Romano que não foi atingida pelos turcos continuava em idolatria, continuava a matar as pessoas que não aceitavam o poder do Império Romano religioso.

Esse foi o comprimento da sexta trombeta, o segundo “Ai” sobre os romanos. Nesse tempo, os homens viviam sob a pressão militar. Como se sabe, os romanos sofreram muitas calamidades no Ocidente após 1078, data da tomada de Jerusalém pelos turcos. Os peregrinos europeus, que milagrosamente conseguiram voltar à sua pátria, narravam com lágrimas as terríveis desgraças dos cristãos orientais, sujeitos a terríveis perseguições por parte de um povo selvagem e cruel. Toda a Europa católica chorou as calamidades da Terra Santa, todas as Igrejas, os prelados, os bispos e demais autoridades eclesiásticas não cessavam de recriminar os turcos e de amaldiçoá-los por sua selvageria.

As invasões maometanas e otomanas ao Império Romano Oriental se cumpriram como a quinta e a sexta trombetas, dois “Ais” que causaram muitos sofrimentos e mortes aos romanos. Basta abrir um livro de história para certificar-se da notoriedade desses fatos. Foram, sem dúvida, juízos apocalípticos sobre aquelas gerações que não adoravam o verdadeiro Deus, mas antes se curvavam aos ídolos. O grande Império Romano finalmente tombou. Esse juízo foi sobre os adoradores da besta que estavam dentro da configuração do Império Romano apostatado, o Império Oriental. O Império turco otomano durou até no final do século XIX e foi totalmente extinguido em 1914 na Primeira Grande Guerra Mundial.

Conclusão

Ainda temos as taças para estudar. Essas taças fazem um complemento, uma mixagem junto com as trombetas. Trombetas são guerras e taças são pragas. As pragas são coisas que acontecem no meio do povo que causam problemas como doenças, guerras civis, problemas nos governos. A sexta taça tem tudo a ver com

o final do Império turco-otomano e tudo que está acontecendo até os dias de hoje no Oriente Médio, que prepara o caminho para o Armagedom. Todas essas imagens, todas essas chaves bíblicas com os acontecimentos históricos narrados por livros e historiadores, tudo isso está amplamente descrito, formando um quadro profético delineado pelo contexto bíblico e seu correspondente – dentro da interpretação historicista – na história; “as coisas que foram, que são e as que virão acontecer”. O livro de Apocalipse narra os acontecimentos históricos, as pragas de Deus sobre o Império Romano que perseguiu a Igreja de Deus. A história da luta da verdadeira Igreja de Deus contra a falsa Igreja, o Império da besta; “o Dragão deu poder e toda sua autoridade a besta”. Vai ficando cada vez mais claro à medida que avançamos nas páginas deste maravilhoso e importante livro de profecias, o livro da revelação, o livro de Apocalipse.

Mas, mesmo com a queda da parte Oriental do antigo Império Romano diante de todas essas calamidades, “os outros homens”, os romanos ocidentais, não mudaram e a idolatria permaneceu. Então, sobre eles vieram os juízos revelados pela sétima trombeta, o terceiro e último “Ai” sobre o mundo. Continuaremos na primeira metade do segundo milênio da Era Cristã para entendermos o que essa profecia vai nos revelar.

A quinta e a sexta trombetas do Apocalipse foram as invasões dos maometanos e otomanos ao Império Romano Oriental. Tinham ferozes guerreiros que atormentaram e mataram os bizantinos durante séculos. Os homens daqueles tempos pagaram o preço de seus pecados de idolatria, de feitiçaria, de prostituição... Eram terríveis juízos sobre uma humanidade corrupta e idólatra.